

**FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA:
UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO PARA A MÍDIA E COM A MÍDIA**

Diego S. Mendes – Mestrando em Educação Física PPGEF/CDS/UFSC
Pesquisador do grupo de estudos Observatório da Mídia Esportiva

RESUMO: *O presente trabalho trata-se de um ensaio a respeito da formação continuada de professores de Educação Física para a mídia. O objetivo foi discutir a necessidade de incorporação de uma formação que possibilite o uso crítico da mídia na Educação Física por professores que já estão no exercício da prática docente. A discussão perpassa o entendimento de que somente assim pode-se, em um relativo espaço de tempo, incorporar efetivamente a mídia enquanto um conteúdo (mesmo que transversal) na Educação Física escolar.*

INTRODUÇÃO

Sabe-se que nos dias atuais a Educação Física vem se dedicando também ao estudo da mídia, devido à veiculação cotidiana de discursos a respeito dos esportes, corpo, questões ligadas à saúde, entre outros conteúdos que dizem respeito ao campo de intervenção dessa área. Sendo assim, propomos discutir aqui algumas considerações, na forma de ensaio, a respeito da constituição de um campo formativo para esses estudos, sobretudo na formação continuada do professor de Educação Física. Para tal, partimos da prévia de que as relações entre Educação Física e mídia são essencialmente pedagógicas, qual seja, do campo educacional e de domínio não de um profissional qualquer, mas, sobretudo do *professor*.

Destacamos, ainda, que nossa escolha sobre a formação continuada não se deu por acaso, mas visa à complementação de estudo realizado com a formação inicial em Educação Física no CDS/UFSC, em que investigamos os significados que os acadêmicos desse curso atribuíram à produção de vídeos como forma de educação para a mídia¹. Outro fato que nos remete a formação continuada deve-se a constatação de que ainda são incipientes as experiências com mídia na Educação Física escolar, o que sugere que os professores que já estão no campo escolar podem não estar preparados para realizarem estas intervenções.

Nestes termos, buscamos com este estudo realizar um ensaio teórico que reflita sobre a necessidade de realizar uma formação continuada com professores de Educação Física em relação ao uso da mídia na escola, tanto como ferramentas pedagógicas, mas também como objeto de estudo (BELLONI, 2001). Assim, pretendemos instaurar um diálogo com alguns teóricos do campo da Educação, bem como da Educação Física que nos possibilitem compreender criticamente os elementos constituintes de uma formação para a mídia em Educação Física. Formação esta que deve permitir aos professores da área

¹ Ver Mendes (2005)

elaborar e aplicar planos de intervenção em suas aulas com segurança, criatividade e crítica, a partir da mídia e com a mídia.

Para tanto, iniciamos este estudo trazendo algumas considerações a respeito da formação continuada de professores, ou seja, uma caracterização a cerca deste tema, evidenciando um conceito e o entendimento que temos por esse termo bem como seus limites e possibilidades. Pensamos em seguida a educação para mídia, suas peculiaridades e os diferentes caminhos para a formação de um receptor crítico. Tentamos por fim, articular os dois temas anteriores relacionando-os com as especificidades da área da Educação Física, constituindo assim uma reflexão a respeito da formação continuada em Educação Física e mídia.

1. A FORMAÇÃO CONTINUADA DE EDUCADORES: Buscando Novos Horizontes

Vivemos numa sociedade marcada sobremaneira por mudanças constantes, pela aceleração do tempo e ampliação do espaço. Um era de mudanças sociais, na forma se ser e viver, de compreendermos, apreendermos e interagirmos com os demais e com o mundo a nossa volta. Tais mudanças trazem consigo mudanças também no sistema educativo e na formação de maneira geral. Assim, corrobora-se a idéia de que a escola, ou as instituições de formação em geral seriam capazes de criar uma educação única, de formar cidadãos prontos e acabados somente durante os anos escolares, uma espécie de *educação para a vida toda*, conforme aponta Costa e Silva (2000).

A humanidade também é constituída por um meio cultural, em mutação constante e que incidi sobre nós, transformando-nos a todo momento. Assim, torna-se impensável uma formação única, cristalizada no tempo, com conteúdos também cristalizados, em que bastaria a sua transmissão às gerações mais novas, tal como propunha Durkheim (1978). Tal fato, por si só, basta para justificar a necessidade de constante formação do professor, ou melhor, de uma formação continuada. Nesta direção, a de se considerar que, todas estas mudanças sociais implicam em mudanças na maneira como se apreende o mundo e seus significados, ou seja, na forma como o aluno aprende e como o professor ensina. Não se trata, portanto, de um apresentar-se aos moldes de seu tempo e sim uma questão efetivamente de garantir a essência da profissão pedagógica, o ato de ensinar, admitindo-se a relação ensino-aprendizagem como histórica e cultural, portanto mutável. Nestes termos, à profissão pedagógica se faz necessário uma formação continuada.

Contudo, antes de entrarmos efetivamente na caracterização da formação continuada julgamos necessário destacar que diversos termos são utilizados no campo pedagógico com valores semânticos co-relacionados, imbricados, sendo tratados, por vezes, em âmbito comum, embora se saiba que existam diferenças significativas entre eles. Nesse bojo encontram-se palavras como: educação, formação, informação, instrução, ensino, etc. Sendo assim, faz-se necessário destacar qual o sentido aqui adotado para o termo formação continuada, visto que essa é uma questão significativa para o presente trabalho.

1.1 Educação e/ou Formação

Iniciamos tratando do conceito de formação, visto que esse conceito tem assumido contornos variados na literatura pedagógica. Pode-se dizer que parte dos autores que tratam dessa temática considera formação como sinônimo de educação, principalmente

quando ligadas a contextos organizacionais escolares ou quando se fala de educação ou formação contínua, é o caso de Pedro Demo (1998). Para esse autor:

...falar de educação e formação profissional é a mesma coisa. Este último termo pode até levar vantagem, quando lhe imputado também a noção de construção ou reconstrução de dentro para fora e de baixo para cima, ressaltando que o artífice central do processo é o próprio formando. (p.21)

Já outros autores tendem a dizer que o termo formação evoca alguma autonomia e especificidade em face ao conceito de educação, por exemplo, Fabre (1995) e Alin (1996) citados por Costa e Silva (2000). Essa última autora aposta numa revisão etimológica dos termos a partir de pólos e assim conceitua os termos da seguinte maneira:

1. O pólo **educar**: provém do étimo latino educare (alimentar, criar...) e educere (fazer sair de...). Trata-se de um conceito abrangente que designa tanto o desenvolvimento intelectual ou moral como o físico;
2. o pólo **ensinar**: com origem no latim insignare (conferir marca, uma distinção) aproxima-se dos vocábulos aprender, explicar, demonstrar e confere um sentido predominantemente operatório ou metodológico e institucional. "O ensino é uma educação intencional que se exerce numa instituição cujos fins são explícitos, os métodos codificados, e está assegurada por profissionais" (Fabre 1995, p. 22);
3. o pólo **instruir**: do latim instruere (inserir, dispor...) apela aos conteúdos a transmitir, fornecendo ao espírito instrumentos intelectuais, informação esclarecedora;
4. o pólo **formar**: tem origem no latim formare (dar o ser e a forma, organizar, estabelecer). O vocábulo apela a uma acção profunda e global da pessoa: transformação de todo o ser configurando saberes, saber fazer e saber ser. (COSTA e SILVA, 2000. p. 94)

Contudo, Demo (1998), contesta tal revisão etimológica alegando que a noção de "forma" embutida no conceito de formação pode levar a uma percepção errônea do termo. O interessante aqui é que ambos os autores concordam em relação ao entendimento de formação como auto-formação, tanto os que defendem, quanto àqueles que são contra o entendimento de educação e formação como similares. Demo (1998), por exemplo, afirma que: "Outro termo usado como sinônimo de educação é **formação**. Etimologicamente falando, pode induzir a uma percepção errada, se acentuarmos a noção de 'forma'. Todavia realçando o horizonte autoformativo – **formar é formar-se**". (p.21). Na mesma direção Fabre apud Costa e Silva (2000) aponta que "formar é mais ontológico do que instruir ou educar: na formação, é o próprio ser que está em causa na sua forma" (p. 95).

Portanto, longe de esgotar essa temática, vale ressaltar que tanto o conceito de educação como de formação assumem polissemia no campo acadêmico, dificultando a operação deste estudo com um conceito absoluto. Contudo, tal discussão aponta para uma direção a seguir no tocante a formação continuada, entendendo essa última também como um processo que decorre, essencialmente do movimento de auto-formação, sendo este nosso ponto de partida.

1.2 Formação Continuada

Quanto à formação continuada, de maneira geral, podemos dizer que as definições conceituais se encontram ancoradas em duas perspectivas diferenciadas, porém inter-relacionadas, segundo Costa e Silva (2000). A primeira perspectiva está ligada à idéia de Formação Sequencial, enquanto a segunda se relaciona ao Desenvolvimento Profissional.

Na idéia de formação continuada sequencial está explícito a idéia de uma formação em seqüência à formação inicial, posterior a essa. É o que Formosinho (1991) caracterizou como “a formação dos professores dotados de formação inicial profissional, visando o seu aperfeiçoamento pessoal e profissional. A formação contínua visa o aperfeiçoamento dos saberes, das técnicas, das atitudes necessárias ao exercício da profissão de professor”. (p. 237). Já a formação continuada tomada numa perspectiva de desenvolvimento, ou seja, ligada à dimensão do desenvolvimento profissional pressupõe que:

o aperfeiçoamento dos professores tem finalidades individuais óbvias, mas também tem utilidade social. A formação contínua tem como finalidade última o aperfeiçoamento pessoal e social de cada professor, numa perspectiva de educação permanente. Mas tal aperfeiçoamento tem um efeito positivo no sistema escolar se se traduzir na melhoria da qualidade da educação oferecida às crianças. É este efeito positivo que explica as preocupações recentes do mundo ocidental com a formação contínua de professores. (FORMOSINHO, 1991. p. 238 apud COSTA e SILVA, 2000. p. 97)

Tomando-se essas duas perspectivas norteadoras do conceito de formação continuada, faz-se necessário ainda explicitar uma caracterização desse campo, mais especificamente relacionado à sua operacionalização prática. Nesses termos, ressaltamos que se pode falar em três modelos de práticas pedagógicas presente na formação continuada, segundo Costa e Silva (2000).

- *O modelo Transmissivo* - pautado, sobretudo na transmissão objetiva de novos conhecimentos/informações aos professores. É a forma mais tradicional de formação continuada.
- *O modelo Técnico Instrumental* - orientado para a exterioridade dos sujeitos, ou seja, para os objetos que estes deverão conhecer e manipular instrumentalmente.
- *O modelo Experiencial* – baseado em Ferry (1991), centra-se no processo, valorizando os sujeitos e as suas experiências. As práticas de formação orientam-se para a interioridade dos sujeitos em formação, valorizando a experiência vivida, a sua interpretação e construção de significado, privilegiando a capacidade de análise que o processo de formação deverá favorecer. Trata-se de "uma formação em análise e uma análise da sua formação" (FERRY, 1991. p. 80).

Desse último modelo em especial, decorre nossa perspectiva para a formação continuada enquanto prática pedagógica, principalmente porque, a partir dessa vertente, pode-se pensar uma formação que proporcione novos e mais aprofundados conhecimentos além de desenvolver dinâmicas reflexivas, partindo da experiência dos sujeitos e da troca dessas experiências visando à construção de conhecimento coletiva para a gestão da autonomia. Acreditamos, portanto, que “A formação passa por esta construção, em que estão envolvidas as actividades de investigação, de docência e do próprio desenvolvimento pessoal e social dos respectivos actores e autores do processo”. (TAVARES, 1997. p. 66).

Portanto, nessa perspectiva é que concebemos a constituição de uma formação continuada para os dias atuais, especialmente quando pensamos em uma formação voltada para a mídia, sendo este nosso assunto daqui por diante.

2. FORMAÇÃO PARA A MÍDIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

2.1 Por que formar para mídia?

Após termos evidenciados algumas características a respeito da formação e da formação continuada, nos prestaremos agora a refletir sobre as perspectivas de uma formação para a mídia. Nessa direção vale lembrar que uma formação para a mídia se justifica, em primeiro lugar, pelo fato desses meios estarem amplamente presentes na vida das pessoas, constituindo um dos principais meios de informação da sociedade contemporânea.

Em conseqüência da mediação das mídias, diversas alterações perceptivas são geradas na sociedade de forma geral, sendo algumas dessas apontadas pelos estudiosos dessa temática. Entre essas alterações podemos destacar:

- a) *Passagem da tradição oral e escrita à imagem* – isso pode ser verificado na ausência de atenção que as crianças de hoje apresentam ao se concentrarem em um livro ou nas aulas tradicionais, mesmo que os conteúdos sejam interessantes ou de interesse das mesmas. Por outro lado, essas mesmas crianças são incapazes piscar os olhos ao verem um vídeo, filme, desenho sobre um assunto que lhes interessa;
- b) *Empobrecimento da experiência estética (estetização)* – a mídia, assim como qualquer indústria, lança seus produtos em série e estereotipados, conforme apontavam Adorno e Horkheimer (1991) quando se referiam ao conceito de indústria cultural². Fato é que ao reduzirem os modelos estéticos a um formato padronizado, aquilo que é veiculado pela mídia repercute na subjetividade dos espectadores. Conduz-se assim tendencialmente a uma compreensão restrita, limitada e também padronizada do universo midiático e imagético, gerando o empobrecimento da experiência estética. Em decorrência desse fato, por exemplo, há um predomínio hegemônico daquelas produções midiáticas enlatadas e comerciais, levando os sujeitos a quererem sempre mais do mesmo. Vivemos em um mundo singular, porém fantasiado de plural;
- c) *Aceleração do tempo e redução do espaço* – Outra transformação advinda dos meios de comunicação de massa se refere à aceleração do tempo e redução do espaço. São tantas imagens e informações, geradas e veiculadas em tamanha velocidade que sequer temos tempo para refleti-la. Ocorre um transbordamento ou um esvaziamento do ser pelo excesso, reflexos da aceleração do mundo em que estamos inseridos. Ao mesmo tempo, a era da mídia nos transportou a uma era global. Sabemos o que está a acontecer do outro lado do mundo, discutimos as guerras do oriente médio, as tendências econômicas das grandes potências e não nos damos contas dos problemas cotidianos de nossa rua, nosso bairro, da violência vivida pelo vizinho, etc.
- d) *Antecipação do assistir ao fazer/agir* – Os veículos midiáticos operam visando saciar os desejos e aflições humanas, mais especificamente, numa abordagem psicanalítica, a fim de saciar nossas pulsões. Desta forma, busca-se manter contido

² O conceito de indústria cultural foi apresentado por Adorno e Horkheimer no livro a dialética do esclarecimento de 1947. Tal conceito se referia a mercadorização dos bens culturais, relacionando a forma de produção dos mesmos aos moldes da escala industrial, com produção seriada e padronizada.

(dentro de alguns limites) o ponto mobilizador das pessoas, inclusive através de estratégias como, por exemplo, terminar os telejornais com notícias felizes, mensagens que causam “bem-estar”, ou ainda dando seqüência à programação com programas de entretenimento, etc. Ainda aqui, gera-se um processo de acomodação do ser, que prefere vivenciar os fatos mediados pela tv a experienciá-los através de ações concretas.

Todos esses fatos, entre vários outros, culminam na geração de efeitos como, por exemplo, a redução do imaginário das pessoas, geração de esteriótipos, novas formas de aprendizagem, etc. Por esses e outros argumentos que aqui não se esgotam é que justificamos a existência de uma formação para a mídia, visto que suas implicações refletem na maneira como as pessoas se inserem, compreendem e manifestam no mundo, sendo então uma questão pedagógica.

2.2 Formação para mídia em Educação Física: apontando possibilidades

Pensando-se a Educação Física como uma área pedagógica, entendemos que seu objetivo no âmbito escolar é proporcionar a construção de conhecimentos a respeito da cultura de movimento (KUNZ, 2001). Contudo, percebemos que a mídia ao veicular discursos a respeito dos esportes, corpo, saúde, entre outros, propicia a constituição de saberes a respeito desses elementos por parte da população. Porém, deve-se ressaltar que nem sempre tais discursos apresentam a totalidade dos fenômenos abordados, reduzindo-os a concepções fragmentadas, de fácil entendimento e por isso mesmo limitadas. Fala-se num mundo, vê-se em outro – o que é uma lástima.

Diante desses fatos, a Educação Física busca formar seus alunos para uma compreensão ampliada sobre as relações que se estabelecem entre a mídia e a cultura de movimento. Nesta direção, Pires (2002) afirma que: “... por via indireta, os meios de comunicação de massa vêm assumindo crescente importância na construção dos saberes/fazeres da cultura de movimento e da cultura esportiva” (p. 19). Sendo assim, faz-se necessária uma formação prévia dos professores que possibilite o uso crítico da mídia, evitando que essa seja utilizada de forma incoerente aos preceitos educacionais. Segundo Betti (2003), atualmente *é pré-requisito que o professor detenha conhecimentos sobre o processo de construção da linguagem televisiva* (grifo meu) e que desenvolva ele próprio à capacidade de interpretação crítica das mensagens televisivas, para trabalhá-las com os alunos.

Portanto, entendemos que a reflexão acerca da mídia pode e deve fazer parte da formação do professor de Educação Física, afinal, vivemos num momento em que as tecnologias comunicacionais apontam para a possibilidade de uma nova gramática dos meios midiáticos. Estes novos horizontes possibilitam a educação pensar novos parâmetros de leitura da mídia por parte do sujeito receptor, conforme propõe Arlindo Machado, lembrado por Santaella e Nöth (1999). Precisamos nos alfabetizar em relação à linguagem midiática para, dominando-a, potencializar nossa ação pedagógica de esclarecimento dos discursos da mídia.

Neste contexto, é preciso pensar estratégias que permitam uma apropriação crítica da mídia na formação em Educação Física. Estudiosos como Ferrés (1996) e Belloni (2001) propõem adotar a mídia ao mesmo tempo enquanto ferramenta pedagógica e como objeto de estudo. Em outras palavras: educar *com* a mídia e *para* a mídia.

A educação *com a mídia* é aquela em que o professor adota seu uso em sua aula, como ferramenta de apoio pedagógico, possibilitando criar outras formas de interação com

essa tecnologia, para além de um consumo passivo. Ao mesmo tempo, é sugerida uma reflexão sobre os conteúdos veiculados na mídia, ou seja, a tomada da mídia como objeto de estudo, ou ainda, a formação de expectadores críticos *para a mídia*.

É interessante notar que se pode educar o olhar (do expectador) pelas palavras, é possível exercitar a visão através de bons textos sobre mídia, mas ainda assim as palavras constituem um meio de expressão diferente da linguagem por imagens, típicas do meio midiático. O inconsciente que funciona por imagens se permite a associações que a consciência, por escolher as palavras, jamais faria. Para Debray (1993), as imagens por serem emocionais e mais memoráveis do que as palavras facilitarão a apreensão do homem, outro fator que é fundamental para que os professores de Educação Física estejam qualificados para usá-las. Diante desse fato, acreditamos que uma terceira opção metodológica possa ser utilizada para que avancemos rumo a uma compreensão mais racional da mídia, trata-se da produção de mídia como meio esclarecedor.

A produção de produtos midiáticos (vídeos, jornais, revistas, sites, blogs, etc.) por professores de Educação Física pode representar uma experiência de valor inestimável quanto a suas perspectivas formativas e educacionais no caminho de uma formação para a mídia. Isto porque, ao participarem da produção e edição de tais meios, os sujeitos tomam contato com o corte, a distorção, a sobreposição e substituição de imagens, textos e áudios. Isso lhes permite compreender os procedimentos utilizados para tornar a linguagem imagética em produto midiático atraente e compreensível. Portanto, ao entrarmos em contato de forma racionalizada com as técnicas de construção da linguagem midiática, entendemos mais facilmente que “(...) a utilização das imagens se generaliza e, contemplando-as ou fabricando-as, todos os dias acabamos sendo levados a utilizá-las, interpretá-las” (JOLY, 1996. p.10). No contato com estas tecnologias e com o modo de operação das mesmas, gera-se uma visão mais racionalizada sobre a mídia, permitindo um estranhamento dos produtos que são veiculados nos meios de comunicação de massa. Este estado é um primeiro passo para uma abordagem mais crítica frente às informações midiáticas.

CONCLUSÃO

Frente às discussões apresentadas neste ensaio, acreditamos que a formação para a mídia seja imprescindível aos professores de Educação Física contemporâneos, caso contrário, corremos o risco de nos mantermos desatualizados em relação à cultura das gerações atuais, especialmente a cultura esportiva e de movimento, absolutamente presentes na mídia. Sendo assim, acreditamos que parte dos conhecimentos das gerações atuais, inclusive os conteúdos da Educação Física, se constituem também a partir da mídia, fato esse que não pode mais ser ignorado pela área.

Toda essa informação audiovisual contribui para os estudantes formarem conceitos e valores a respeito do esporte e das demais práticas corporais, interferindo decisivamente na maneira como as vivenciam. Essa influência precisa ser mais bem conhecida; afinal, quando constatamos que a TV influencia a formação do cidadão, torna-se tarefa da comunidade educativa estar preparada para compreender o processo em curso e nele interferir. (BATISTA & BETTI, 2005.p. 136).

Por outro lado, percebemos que no âmbito acadêmico a temática da mídia vem recebendo atenção, é o que aponta uma pesquisa realizada em 2005 sobre os estudos de

mídia e Educação Física no país³. No entanto, esse mesmo estudo retrata que poucos são os estudos de relato de experiência envolvendo a tematização da mídia na Educação Física escolar. Tal fato vem a sinalizar que os estudos de mídia em Educação Física no país ainda não são uma realidade efetiva nas ações pedagógicas escolares.

Nesses termos, acreditamos que uma das saídas para a incorporação da mídia enquanto temática na Educação Física escolar seria através da capacitação dos professores que já atuam na escola, ou seja, através da realização de uma formação continuada com esses professores. Através dessa formação podemos capacitar os professores já em exercício da profissão docente para a utilização da mídia em suas aulas, contribuindo para a formação de cidadãos mais esclarecidos em relação aos discursos midiáticos sobre a cultura de movimento. Nessa perspectiva contribuimos também para o exercício de uma Educação Física escolar mais crítica, capaz de transcender as aulas puramente técnicas, baseadas na mimese do gesto técnico perfeito, do treinamento de escolares ou ainda na recreatividade (entendendo esse termo como sinônimo de ocupação frívola, passa-tempo). Ao tratarmos de educar os alunos de Educação Física para a mídia estamos contribuindo para a constituição de saberes, de conhecimentos a respeito da cultura de movimento, o que legitima nossa ação no espaço escolar.

Portanto, concluímos este estudo propondo que a Educação Física, especialmente aqueles envolvidos com os estudos da mídia se empenhem na formação continuada, entendendo que somente assim poderemos, em um relativo espaço de tempo, incorporarmos a mídia enquanto um conteúdo (mesmo que transversal) nessa área.

REFERENCIAS

ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

BATISTA, Sidnei Rodrigues; BETTI, Mauro. A televisão e o ensino da educação física na escola: uma proposta de intervenção. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v. 26, n. 2, p. 135 – 148, Janeiro de 2005.

BELLONI, Maria Luiza. *O Que é Mídia-Educação*. Campinas-SP: Autores associados, 2001.

BETTI, Mauro (org). *Educação Física E Mídia: Novos Olhares, Outras Práticas*. In: São Paulo: Editora Hucitec, 2003.

COSTA E SILVA, Ana Maria. A formação contínua de professores: uma reflexão sobre as práticas e as práticas de reflexão em formação. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 21, n. 72, 2000.

DEBRAY, R. *Vida e Morte da Imagem – Uma História do Olhar no Ocidente*. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

DEMO, Pedro. *Questões Para A TELEDUCAÇÃO*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1998.

DURKHEIM, E. *Educação e sociologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

FERRÉS, Juan. *Televisão e Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FERRY, Gilles. *El trayecto de la formación. Los enseñantes entre la teoría y la práctica*. Barcelona: Paidós, 1991.

³ Referimo-nos ao trabalho intitulado “Retrato Preliminar da Produção em Educação Física e Mídia no Brasil” apresentado no I CONBIDE - Congresso Brasileiro de Informação e Documentação Esportiva. (PIRES et al. 2006)

FORMOSINHO, João. *Formação contínua de professores: Realidades e perspectivas*. Aveiro, Portugal: Ed.Universidade de Aveiro, 1991.

JOLY, M. *Introdução à Análise da Imagem*. São Paulo: Papirus, 1996.

KUNZ, Elenor. *Educação Física: ensino e mudança*. 2ª. ed. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2001.

MENDES, Diego de Sousa. Ver MENDES, D. S. Educação Física & Novas Linguagens Educacionais: sentidos e significados da produção de recursos audiovisuais na formação de professores da área. Florianópolis 2005, Monografia (Licenciatura em Educação Física) – CDS/UFSC.

PIRES, Giovanni De Lorenzi. *Educação Física e o Discurso Midiático: abordagem crítico-emancipatória*. Ijuí: Ed. Unijui, 2002.

PIRES, G. L; OUTROS. Retrato Preliminar da Produção em Educação Física e Mídia no Brasil. In: I Congresso Brasileiro de Informação e Documentação Esportiva, 2006, Brasília. I CONBIDE, anais eletrônicos, 2006.

SANTAELLA. L; NÖTH. W. *Imagem – Cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

TAVARES, José. "A formação como construção do conhecimento científico e pedagógico". In: SÁ CHAVES, Idália (org.). Percursos de formação e desenvolvimento profissional. Porto: Porto Editora, 1997, p. 59-73.

Endereço eletrônico: diegomendes20@hotmail.com

Tecnologia para apresentação: datashow